

6. Conclusão

A partir da investigação da ação do Vjing, dos Vjs, das suas influências históricas, bem como de seu conteúdo e forma, busquei aqui compreender um pouco da maneira como as imagens em movimento, em seus diferentes suportes, comunicam, na importante relação homem-imagem, tão em evidência na contemporaneidade. Um mundo povoado por imagens em movimento, onde essas imagens funcionam tal como mercadoria, que mediatizam nosso contato com as coisas e com os outros. Esse é o cenário do acontecimento dessa arte do Vjing, que se desenvolve no aqui e agora da apresentação, entremesclando imagens cinéticas, gestos humanos e música, moldando subjetividades através da interação com as imagens.

Em primeiro lugar, ao analisar os Vjs e a ação do Vjing, vimos que as formas de produção, recepção e interação com as imagens são múltiplas e que devem ser consideradas na compreensão do mundo contemporâneo: Os avanços tecnológicos, o barateamento das tecnologias, propiciaram algumas revoluções no audiovisual, causando uma espécie de explosão criativa em se tratando de imagens em movimento. Agora, o próprio corpo, marginalizado durante quase toda a história do cinema, pode interagir cada vez mais com as imagens, criando possibilidades artísticas e tecnológicas variadas.

As narrativas evoluem em conjunto com a tecnologia, a todo momento surgem novas maneiras de sequenciar e interpolar imagens: vimos aqui, que a narrativa do Vjing, resgata, se mescla e cria formas de manipular as imagens relativas ao seu caráter plástico-ritmico, da quebra, desconstrução e construção do movimento no eixo espaço-temporal. Essa forma de narrativa, que de certa forma foge à narrativa dramática do cinema convencional, é muito antiga e foi marginalizada pelo filme clássico: Está ligada ao prazer da contemplação do movimento, do domínio do tempo possibilitado pelo audiovisual.

À seguir, procuramos encontrar uma maneira específica das imagens cinéticas em se comunicar, mergulhando numa discussão sobre o caráter de linguagem do cinema: Vimos então, que a comunicação das imagens, em geral, pode fugir do âmbito tradicional de uma narrativa controlada no sentido de

cortar todo movimento supérfluo, em prol da estória, e estabelecer comunicações de uma ordem mais primitiva, para-linguística. Uma comunicação que de certa forma está associada à maneira como a música comunica, e que pode despertar determinados estados de consciência mais misteriosos, diferentes dos proporcionados pelas narrativas audiovisuais convencionais. Neste embate entre Apolo e Dionísio, bem como entre o drama e o ritmo, fica a lição de que o homem é poderoso na sua forma de comunicar e, através disso, moldar-se a si próprio. A narrativa audiovisual ainda engatinha se comparada à escrita e à oralidade: Ela se desenvolve cada vez mais e o Vjing e os Vjs são as provas e as possibilidades disso.